



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
LICENCIATURA LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA DA PAZ DA SILVA

**Abandono, abuso sexual, abuso psicológico e negligência: um olhar  
sobre a violência contra a criança a partir da crítica pós-colonial em  
*Animais em Extinção*, de Marcelo Mirisola.**

MONTEIRO - PB

2016

MARIA DAPAZ DA SILVA

**Abandono, abuso sexual, abuso psicológico e negligência: um olhar sobre a violência contra a criança a partir da crítica pós-colonial em *Animais em Extinção*, de Marcelo Mirisola.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado na Universidade Estadual da Paraíba Campus VI, como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa. Sob a orientação do Professor Dr. Márcio Gomes.

MONTEIRO- PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Maria da Paz da.

Abandono, abuso sexual, abuso psicológico e negligência  
[manuscrito] : um olhar sobre a violência contra a criança a partir da  
crítica pós-colonial em Animais em Extinção, de Marcelo Mirisola /  
Maria da Paz da Silva. - 2016.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS  
PORTUGUÊS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Márcio Gomes, Departamento de  
Letras".

1. Infância. 2. Abuso sexual. 3. Agressor sexual. I. Título.

21. ed. CDD 371.786

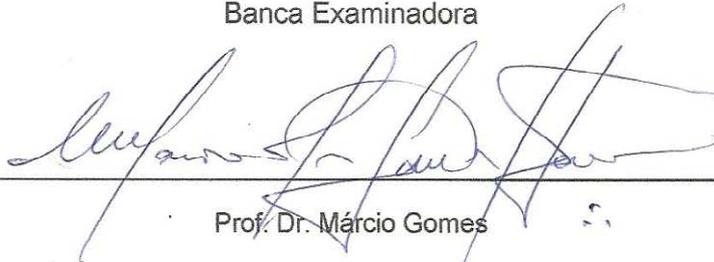
MARIA DAPAZ DA SILVA

**Abandono, abuso sexual, abuso psicológico e negligência: um olhar sobre a violência contra a criança a partir da crítica pós-colonial em *Animais em Extinção*, de Marcelo Mirisola.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado na Universidade Estadual da Paraíba Campus VI, como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa. Sob a orientação do Professor Dr. Márcio Gomes.

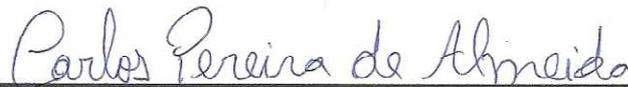
Aprovada em 17/08/2016

Banca Examinadora



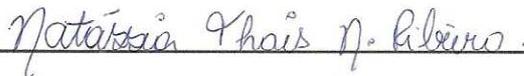
Prof. Dr. Márcio Gomes

Orientador



Prof. Ms. Carlos Pereira de Almeida

Examinador



Prof. Esp. Natássia Thaís do Nascimento Ribeiro

Examinadora

Dedico o meu trabalho as crianças e jovens que sofrem algum tipo de violência e todas as pessoas empenhadas na problemática.

“Devemos fazer frente às raízes da violência. Só assim transformaremos o legado do século passado de lastro oneroso em experiência ensinada.”

Nelson Mandela Relatório mundial sobre violência e a saúde.

## **AGRADECIMENTOS**

Tão importante quanto difícil é o ato de agradecer.

Agradeço a Deus por ter permitido que eu trilhasse esse caminho, apesar de todas as dificuldades, e por ter colocado no meu caminho as pessoas certas, que fizeram dele o mais brando possível.

Agradeço a conquista de amizades, aos amigos que fiz que conheci e reconheci nesses anos. Aos companheiros de jornada, meus amigos da faculdade que fizeram desse curso, além de uma fonte de aprendizado, um segundo lar para muitos de nós, agradeço pelo companheirismo e compreensão.

Agradeço aos meus pais, pois sem eles não estaria concluindo o curso. Agradeço a meus amigos, pela preocupação e atenção, pelo carinho especial proporcionando que soubessem me escutar nos momentos de desespero tendo paciência durante todo o processo de execução deste trabalho.

E por fim agradeço a meu orientador que proporcionou e ajudou na estruturação e construção deste trabalho.

A todos estes, agradeço e fico feliz em poder compartilhar grandes momentos, sentimentos e palavras.

Obrigada a todos vocês!

## RESUMO

Este estudo, a questão da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes identificados na obra literária *Animais em Extinção* de Marcelo Mirisola, as diversas formas de violência tentando compreender suas possíveis causas, tendo como agravante o silêncio da vítima por opressão do agressor dentro de um espaço privado, reforçado pela relação de dominação e dominado, historicamente produzida nas relações sociais, e consequentemente nas relações familiares. Fazendo menção aos inúmeros esforços feitos para combater a realidade de coisificação da criança a exemplo da aprovação do estatuto da criança e do adolescente, em 1990, a infância e a juventude no Brasil, passam a ter direitos legalmente garantidos. Objetiva-se ainda que as políticas públicas atuem tanto na prevenção como para a atenção a esses sujeitos. Vistos como sujeitos em situação peculiar de desenvolvimento.

Palavras - Chaves :Infância, Abuso Sexual, Agressor Sexual

## ABSTRACT

This study the issue of family violence against children and adolescents in identifying the literary Animals in Marcelo Mirisola extinction, the various forms of violence trying to understand their possible causes, with the aggravating silence the victim of oppression of the offender within a space private, reinforced by the relation of domination and dominated historically produced in social relations, and consequently in family relationships. Making mention of the numerous efforts made to combat the reality of objectification of the child such as the child's status of approval and adolescents in 1990, childhood and youth in Brazil, now have legally guaranteed rights. Another goal is to that public policies act in both prevention and for attention to these subjects. Seen as subjects in a peculiar development situation.

Key Words: Childhood.,Sexual Abuse. Sexual assailant

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTORIA DA VIOLENCIA CONTRA A CRIANÇA.....</b>	<b>12</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
1.1 - Breve contexto histórico da violência.....	12
1.2 - Sociedade e violência.....	14
<b>2 – ABORDAGEM DA VIOLENCIA NO IMAGINARIO COLONIAL.....</b>	<b>17</b>
2.1 - A atualidade da crítica pós-colonial.....	20
2.2 - Em torno da condição de marginalidade da criança: a construção da privacidade burguesa e o surgimento da violência na intimidade .....	22
<b>3 – ANALISE DA VIOLENCIA CONTRA A CRIANÇA NA OBRA: ABUSO PSICOLOGICO, ABANDONO E NEGLIGENCIA. (a PARTIR DA TEORIA PÓS-COLONIAL .....</b>	<b>30</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

A violência cresce assustadoramente no país, abrangendo as grandes metrópoles até as cidades mais pacatas do Brasil, dentre tantos casos, a violência infanto-juvenil é considerada uma das mais graves (Segundo Carvalho 2010 p. 30).

A realidade social evidencia que uma das mais graves e frequentes causas de vulnerabilidade e de vitimização de crianças são as agressões físicas, psicológicas e sexuais. Os fatores causadores da violência parecem ser múltiplos dentre eles a miséria, as tradições socioculturais e a mídia, que exerce forte influência na sociedade produzindo toda uma neo-mitologia da violência tratada comporaneamente sob o conceito de brutalização. Trata-se de um problema grave que sobrevive ao longo das gerações e que ainda acomete a sociedade contemporânea dita civilizada.

No entanto, pensar em crianças e adolescentes que são vítimas de violência é um exercício de alta complexidade. Entre tantas possibilidades de falar sobre este tema, optou-se aqui por observar e descrever de que formam conceito de criança é representado na literatura, a que tipo de violência ela é submetida e quais são os fatores determinantes que permitem que a violência aconteça. Para isso, tomamos como recorte a obra “*Animais em Extinção*” (Mirisolla) a qual apresenta uma controversa visão panorâmica da sociedade contemporânea ao explorar o tema em foco.

A pesquisa é bibliográfica de caráter exploratório e busca caracterizar e discutir no âmbito da literatura contemporânea brasileira, quais os fatores causadores da violência contra crianças a partir de elementos externos ao próprio discurso literário. Do ponto de vista específico o trabalho busca primeiramente realizar um resgate histórico e social da questão da violência contra a criança como forma de discutir os múltiplos fatores que desencadeiam esse tipo de abuso, para então, compreendendo a literatura como representação dessa sociedade mostrar de que forma ela espelha o modelo de violência infantil contemporâneo; Fazer uma abordagem histórica e social da violência contra a criança; Debater sobre a constituição da “cultura” da violência no espaço privado; A partir da teoria pós-colonial, observação de marcadores, como idade, sexo (gênero) e raça, inseridos nessa problemática da violência. Aqui nos basearemos nos estudos históricos a respeito da violência infantil focalizando questões do abandono familiar e do trabalho infantil que envolvem o papel do Estado e do Direito.

Em segundo lugar, propomos debater brevemente como se constituiu a cultura da violência no contexto da intimidade e privacidade da família, e em terceiro lugar, a partir das questões suscitadas pela teoria pós-colonial observar como alguns marcadores como idade, raça e sexo são determinantes no desencadear da violência.

O presente trabalho surgiu a partir das discussões nas aulas de literatura contemporânea ministradas pelo professor Marcio Gomes aulas estas onde foram discutidos os modelos sociais, comportamentos, tipos de violência ambiente propiciador a violência e a adaptação de obras na teoria. A exemplo da obra analisada que despertou nosso interesse por contar a história de uma criança em estado de vulnerabilidade, incapaz e indefesa.

Sabendo que o seio familiar e a escolar são os locais onde a criança passa boa parte de seu tempo, a violência sofrida por elas no próprio lar ou fora dele causa grandes transtornos em suas vidas e causa efeitos devastadores nos relacionamentos. Constantemente somos bombardeados pela mídia com notícias relacionadas a essa problemática causada por aqueles que deveriam prezar por sua segurança e bem estar. Sobre a metodologia utilizada para realização deste trabalho de punho bibliográfico foram utilizados estudos de autores como; Fillipe Aires, Carvalho, Minayo, Estatuto da criança e do adolescente, Bonnici entre outros para fundamentar um trabalho que vai muito além de simples estatísticas.

O mesmo estrutura-se da seguinte forma primeiro capítulo contexto histórico-social da violência contra crianças, segundo capítulo violência e colonização do imaginário o modelo pós-colonial, terceiro capítulo falamos sobre abandono, abuso psicológico e negligência: Uma análise da violência contra a criança em *Animais em Extinção* de Marcelo Mirisolla a partir da crítica pós-colonial e por último a conclusão.

## OBJETIVOS

- 1 – Abordagem história e social da violência contra a criança;
- 2 – Debate sobre a constituição da “Cultura” da violência no espaço privado;
- 3 – A partir da teoria pós-colonial, observação de marcadores como, idade, sexo, (gênero) e raça inseridos nessa problemática da violência.

## 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA.

### 1.1 - Breve Contexto histórico da violência.

Os estudos históricos sobre a criança e o adolescente são bem recentes, tiveram início na década de 60 e difundiram-se na década de 70. Comumente esses estudos foram realizados a partir de diversas fontes-históricas, tais como: decretos, livros de leis, prescrições da igreja, códigos, escritos filosóficos, escritos religiosos, registros oficiais, estudos demográficos, estudos epistemológicos e testemunhos por registros baseados na vida de nobres influentes. Essas abordagens deixaram de lado e a representação da criança na literatura como fator decisivo para se conhecer o momento histórico circundante e a forma de violência para com a criança nos parece fornecer essa possibilidade. Isso porque nem sempre criança foi uma categoria independente da de ser humano, que merecesse cuidados especiais, que devesse ser protegido, que possui determinados direitos. A literatura contemporânea, no entanto resgata esse lugar de representação muitas vezes esquecido pela grande história.

A concepção da criança como um ser especial em relação aos demais sempre dependeu dos modelos culturais da época nas quais elas estavam inseridas, dos fatores demográficos, das taxas de mortalidade e dos desaparecimentos. Estes pequenos seres hoje tidos como sensíveis sempre estiveram à mercê da sorte, pois a sociedade não desejava de modo algum envolver-se com eles. Segundo ARIÉS, 1981p. 42 “Não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem”. São Luiz no século XIII também se expressava dizendo que as crianças eram representadas frequentemente em muitos lugares apenas pelo seu tamanho.

Por volta do século XIII surgiu a representação da criança anjo, ou seja, os *dergeon* que eram educadas nos moldes religiosos. Uma segunda representação seria o modelo ancestral de todas as crianças, o menino Jesus

e a terceira representação já aparecem na fase gótica: a criança aparece nua. Segundo ARIÉS 1981, p.44”a infância era apenas uma fase sem importância que não fazia sentido fixar na lembrança”. Montaigne, por exemplo, diz “não reconhecer nas crianças nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo”.

Nesse contexto, a criança era vista como um ser insignificante em consequência principalmente da morte do abandono generalizados, fatores que garantiam esta insensibilidade por parte da sociedade. O infanticídio era uma das práticas mais frequentes, em função do abandono da criança, da incapacidade por parte dos pais de alimentá-las, das doenças resultantes da falta de higiene e do descaso com as mesmas. Há em diversas culturas ainda hoje essa prática de matar crianças em função de características geográficas e necessidades alimentares.

Segundo BASTOS apud ARIÉS (1981, p.276) a história da criança pode ser dividida em fases de acordo com o modo como se dá a resistência dos adultos com relação a elas, em especial, os pais. O autor cria uma classificação levando em conta as seguintes fases: a) *Modo infância*; que abrange o período da antiguidade até o século IV da era cristã, no qual repelir estava em primeiro plano. Os próprios pais matavam seus filhos; b) *Modo de abandono*: vai do século IV aos XIII, este é um período que os pais começam a aceitar que a criança tem alma; c) *Modo ambivalente*: do século XIV ao XVI, quando a criança tem permissão de se envolver na vida emocional dos pais, mas ainda são tidas como perigosas, por isso seria necessário moldá-las; d) *Modo intrusivo*: século XVIII, é uma época de grande transição. Os pais começam a se aproximar da criança e ensaiam a conquista de seu espírito, com a conquista de seu espírito, identificando-se mas sem dar muita importância ao amor; e) *Modo social*: século XIX ao XX. A educação é importante. Ela não é apenas uma conquista e passa a ser mais um meio de trilhar o caminho da vida, e, por fim, f) *Modo ajuda*: os pais compreendem que os filhos sabem melhor do que seus pais aquilo que necessitam. A criança conduz seus pais (quando os tem) a tratar e compreender suas necessidades

Se seguirmos a classificação proposta pelo autor, a relação entre pais e filhos ao longo da história da humanidade se deu de forma violenta. Em meados do século XIX começa a se delinear uma preocupação com a criança, ou seja, ela é descoberta como um ser que possui autonomia prática. Tenta-se compreender melhor e de modo mais aprofundado seus valores e seus sentimentos. Ciências como a Psicanálise, a Pediatria e a Psicologia passaram a dedicar-se aos problemas específicos desta fase da vida, de modo que Ariés 1981 diz que “o mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância”. Na contemporaneidade a criança está protegida pela intervenção do estado na vida familiar.

O estado torna-se responsável pela criação e educação dos futuros cidadãos e passa a exigir dos pais tanto deveres quanto obrigações. Em um determinado momento retira-se dos pais a obrigação de cuidar dos filhos visto que estes desde o nascimento possuem uma existência pública. Cabe ao Estado o exercício do pátrio poder com relação à criança que sofre ameaça a sua integridade física principalmente pelos pais. Nesses casos, o Estado inicia uma investigação dos casos de violência cometidas contra as crianças e medidas cabíveis aos casos.

Uma vez que, a partir do século XIX e principalmente no século XX, todas as ciências voltam-se para a criança, a grande preocupação é a violência que ela pode estar sujeita no seu ambiente familiar, independentemente do conceito de família que se utilize, uma vez que a despeito de divergências diversas, sejam sexuais ou raciais, o que está em discussão é a vida do ser humano e a melhor forma de sua inserir na sociedade.

A família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado. Mas assim que as instituições políticas lhe oferecem garantias suficientes, ele se esquiva da opressão da família e os laços de sangue se afrouxam (ROCHA 1996, p.10).

Nesse contexto, é importante caracterizar o que seja violência. Segundo ROCHA (1996, p.10) este seria o conceito mais apropriado de violência a ser utilizado para se tratar da violência infantil:

A violência sob todas as formas de suas inúmeras manifestações pode ser considerada como um viés vale dizer, como uma força, que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras a violência nas suas variedades formas desrespeita os direitos primordiais do ser humano levando o homem a condição se simples objeto.

A violência, portanto, não é uma marca caracterizadora da sociedade contemporânea. Ela está enraizada na história da humanidade desde os primórdios dos tempos, manifestando-se nas mais variadas formas e nas mais diferentes circunstâncias. As cenas de situações de violência são constantemente identificáveis, mas conceituar o termo é complexo visto que a ação desencadeadora de violência pode ter diferentes significações a depender da cultura de determinado local.

Na Antiguidade e na Idade Média, por exemplo, certas ações tidas por nós como violentas eram praticadas para demonstrar amor a Deus. Verificamos na Bíblia alguns casos de violência contra crianças como o dos meninos judeus jogados ao rio, por ordem do Faraó, os primogênitos egípcios do Êxodo, a matança das crianças nascidas em Belém por ordem de Herodes. Até os nossos dias o problema do abandono que redundava em trabalho infantil e diversas práticas abusivas não foi resolvido e aparece em diversas partes do mundo, vejamos como exemplo o Brasil que, adentrando o século XX, as crianças ainda representam cerca de 30% do total de operários nos setores de fiação e tecelagem, correspondendo a 30% da mão de obra. Crianças essas que não estão tendo infância nem adolescência estão tendo de trabalhar desde a mais tenra idade. Parece que retornamos a práticas medievais de trabalho.

## 1.2 - Sociedade e Violência.

A violência cometida contra crianças acomete todas as esferas sociais e é resultante da relação de poder-dominância e acontece em todo o mundo, ou seja, em países desenvolvidos e também naqueles subdesenvolvidos. Classificamos os tipos de violência de acordo com os modos que ela se

manifesta. Segundo BASTOS (2008 p, 15) ela se dá: a) na família por meio da agressão física (espancamento, abuso sexual, homicídio, agressão emocional); b) Na comunidade (aliciamento pelo tráfico e prostituição) e c) Na mídia: pornografia e pedofilia.

A violência infantil ocorre constantemente no espaço da família e da comunidade. O ambiente propiciador dessas agressões quase sempre é o lar o qual deveria ser o espaço de segurança para tais crianças torna-se um lugar perigoso para elas visto que são objetos de várias formas de abuso. De acordo com CARVALHO", "Milhões de crianças são agredidas ou torturadas em suas casas, escolas e instituições estatais, sendo a violência doméstica, na modalidade abuso físico, a mais preponderante." (CARVALHO, 2010, p. 30).A autora aponta ainda (CARVALHO 2010, p. 31; 32) que existem quatro formas mais comuns de violência infra familiar: física, psicológicas, negligência e sexual: a) Violência física: acontece quando alguém faz uso da força física, para prejudicar outrem; b) Violência psicológica: é a ação ou omissão de algo que cause dano à auto-estima ou ao desenvolvimento da pessoa; c) Negligencia: é a omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro e d) Violência sexual: ação qual uma pessoa em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais através da força física.

Analisando a realidade brasileira, percebemos que a marginalidade e o abandono da criança não são problemas recentes. No fim do século XIX, surgem movimentos com a intenção de organizar a sociedade e o Estado e lidar com estas questões. A partir de então surgem várias instituições para atender tais crianças inclusive um conjunto de leis para proteção das mesmas, organizado com o primeiro Código de Menores (1927).

Apenas nos anos 80 é que se observa uma forte reação em diversas esferas sociais, quanto o descaso em questão. Foi necessário um grande esforço para a elaboração da Constituição Federal (1980) em especial o artigo 227, que assegura os direitos da criança e do adolescente e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). A partir desde momento muito se tem

questionado sobre os problemas relacionados à criança e o adolescente no Brasil.

O século XXI começa com uma taxa de 199 mil assassinatos de crianças e jovens. O planeta em 2000 chegou à média de 565 jovens ou crianças assassinadas a cada dia ou 53 por hora. Dessa cifra cerca de 57 mil eram crianças, principalmente meninos e meninas entre 0 e 4 anos. (CARVALHO 2010, p.30)

Passemos agora à literatura começando pela abordagem termina que escolhemos para tratar da questão da violência na literatura contemporânea.

## 2 – ABORDAGEM DA VIOLENCIA NO IMAGINÁRIO COLONIAL

Por volta do século XIX, houve uma autonomia na cultura não europeia, nasce a partir desse momento uma literatura nacional. Nos séculos XVIII e XIX surgem no Brasil inúmeros escritores e escritoras desenvolvendo suas produções na incorporação de temas essencialmente brasileiros, os quais representavam até então a margem da sociedade, estabeleceu-se um sistema de diferenças hierárquicas fadadas a jamais admitir em equilíbrio no relacionamento econômico, social e cultural. (ARIES 1981, p. 262).

Entre colonizador e colonizado havia um determinante denominado raça através da qual era construída uma relação injusta e desigual. Logo após surgem os termos raça, racismo e preconceito racial, originários a partir a hegemonia europeia justificando assim o regime escravocrata que surgia em seguida por volta do século XVI esse novo mundo colonial era habitado por gente inferior que trabalhava braçalmente para servir seu dono que seria sempre um branco.

Para os colonizadores um fator determinante do colonizado seria sempre sua inferioridade em relação aos seus senhores. Segundo BONNICI, 2000 p 262), "No século XIX as teorias da evolução e da sobrevivência do mais forte na doutrina darwinista põe frequentemente o colonizado a aceitar a

ideologia e os valores do colonizador e transformando-se em fantoche". (BONNICI p. 262).

No Brasil temos as chamadas colônias de sociedade invadidas onde a terra foi invadida por colonos que conquistaram, mataram e deslocaram as populações indígenas e um modelo social europeu foi transplantado para o Brasil. O colonialismo é um termo que caracteriza a forma como ocorreu à exploração cultural ao longo de 500 anos, as grandes civilizações orgulhavam-se por ser metrópole e por exercer seu domínio sobre a periferia considerando-a inferior e inculta. O colonialismo praticado após o Renascimento caracteriza-se pela a implantação de colônias em território distante com a finalidade de explorar material para enriquecer a metrópole.

A expansão colonial europeia coincidiu com o sistema capitalista moderno de trocas econômicas, as colônias representavam uma fonte de matérias primas para sustentar por muito tempo a metrópole. Segundo (BONNICI 2000 P. 262).

Limitando-se ao Brasil, pode-se constatar que, a partir da Carta de Caminha até a publicação em 1711, de Cultura e opulência do Brasil, de Andes João Antonil, inúmeros são os textos informativos sobre os recursos econômicos das colônias e as práticas de exploração do território colonial. Ademais, o sistema panóptico pelo qual se supervisionava o espaço colonial era o método de viajantes e exploradores europeus, dos séculos XIX e XX representado o conhecimento e o poder, entre o colonizador e o colonizado.

A colonização vinculada ao discurso colonialista estava impregnada de patriarcalismo e da exclusividade sexista. A palavra homem era usada na designação de homens e mulheres enquanto que o termo mulher não dispunha de tal privilégio. Surgia, com isso, uma ideologia centrada em dois pilares metrópole e patriarcalismo com o intuito de implantar de forma rígida a civilização europeia ao mundo inteiro. A ação civilizadora levada às colônias era muito bem articulada para não deixar transparecer a violência e a degradação as quais os nativos eram submetidos.

No Brasil, Caminha fez uso da mesma justificativa dizendo ser para salvar esta gente, desta forma ocorria à camuflagem da utilização de mão de

obra indígena nessas colônias. A tal civilização e a tutela paternal adotada pelas nações europeias era mais um pretexto usado pelos colonizadores para intensificar a luta na aquisição de matérias-primas para os países em processo de industrialização.

Nos séculos XVI e XVII, os colonizadores espanhóis portugueses e holandeses e, mais tarde, nos séculos XVIII, XIX e XX, a Inglaterra e a França, puseram em prática o conceito polarizador nós-eles ou Outro-outro. Para garantir a coesão do Outro diante das vicissitudes do mundo moderno, o colonizado foi incentivado a receber e compartilhar as benesses da civilização. Para o colonizado, esse futuro promissor foi sempre preterido. (BONNICI, 2000, P. 264).

Como Bonnici aponta a relação do colonizador com o colonizado se dá a partir de uma lógica binária. "O colonizador constrói um sistema pelo qual o sujeito colonizado forma a sua identidade como dependente ou o outro se torna a única estrutura pela qual o sujeito colonizado compreende o mundo. Já o outro é formado por discursos de primitivismo, canibalismo e separação binária. Cabe-lhe a afirmar da supremacia da cultura da ideologia e da visão de mundo do colonizador. O sujeito colonizado é filho do império e o sujeito degradado do discurso imperial" (BONNICI, 2000, P. 264).

O colonialismo é um ponto que gira em torno de um pressuposto no qual o centro cria a sua periferia. O binarismo que define o período colonial é formado pelo binômio centro e margem. O mundo passou a ser dividido em duas partes. O centro era considerado o lugar civilizado da ciência e do progresso e exercia seu discurso sobre a colônia, a selvageria, a ignorância e o atraso cultural. Quando se constituía o centro tudo que ficava a margem, recebia a designação de periferia da civilização e da cultura. A opressão, o silêncio e a repressão nas sociedades pós-coloniais submergem de uma ideologia de sujeito e objeto.

Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador seja espanhol, português, inglês, se impõem como: poderoso, civilizado, culto, forte, versando na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente

como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial (BONNICI; ZOLIN 2000 P.265).

Sobre as classes subalternas ANTONIO GRAMSCI 2000 (apud ZOLIN P. 265) afirma que, “As classes subalternas podem ser compostas por colonizados trabalhadores rurais, operários e outros grupos aos quais, o acesso ao poder é vedado.”.

Os estudiosos contemporâneos têm interesse em estudar os grupos que se situam à margem da sociedade observando a hegemonia da classe dominante sobre os negros, índios, mulheres e crianças, visto que estes na condição de sujeito subalternos não possuíam meios para se apresentar e nem tinham acesso à cultura e a organização social.

No Brasil a carta de Caminha descreve os inúmeros “passeios” dos portugueses pelas praias baianas, impondo na mente dos indígenas a supremacia do branco sobre o colonizado, a degradação dos nativos. BONNICI 2000 apud SPIVAK (1995, p. 28).

O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar. É um desvocalizado, É aqui que se abre a possibilidade de se inserir a criança, que historicamente sempre foi objeto de violência e que por tanto sofreu violência por conta de sua condição social, familiar, histórica.

## 2.1 - A atualidade da crítica pós-colonial.

A literatura pós-colonial está inserida no contexto de cultura, que foi afetada pelo processo imperial no período de colonização até o presente momento. Decidimos resgatar a crítica pós-colonial uma vez que ela abrange a cultura e a literatura como forma de desnudar os efeitos das práticas de poder do centro sobre as margens nas literaturas contemporâneas. Todas as literaturas produzidas nas ex-colônias sejam elas de qualquer origem surgiram marcadas pela ideia de colonização. O surgimento e o desenvolvimento de literaturas pós-coloniais dependem da progressão gradual de conscientização nacional e de serem diferentes da literatura imperial.

A primeira etapa de produção literária brasileira envolve textos produzidos por representantes do poder colonizador, esses textos continham detalhes da fauna, flora e da língua privilegiando a centro em controvérsia a periferia, visando apenas os lucros que a metrópole obtinha com a invasão e manutenção da colônia.

A segunda etapa envolve textos escritos sob a supervisão imperial por nativos que estudaram na metrópole e sentiam-se gratos por escrever na língua do europeu. Esses escritos não podiam conter algo diferente dos critérios dos colonizadores.

A terceira fase compreende textos com certo grau de diferenciação, mantendo certa ruptura com a metrópole.

A literatura pós-colonialista constitui-se em uma nova forma pela qual os textos são escritos e interpretados a partir de dois pilares o discurso e o poder. O pós-colonialismo teve seu início no século XX, no momento em que muitos povos estavam submetidos ao colonialismo europeu e discriminados em seus principais direitos em meio a uma sociedade extremamente patriarcal, o poder político, e econômico centrava-se nas mãos da raça branca, cristã e rica. O renascimento do Harlem e o movimento negritude são definidos como momentos culturais, literários e políticos que confere grande poder no incentivo das culturas e literaturas nacionais.

Nos séculos XVIII e XIX muitos autores e autoras desenvolvem seus trabalhos voltados a temas essencialmente brasileiros passando a valorizar os tipos brasileiros, temas que sempre estiveram à margem da sociedade submergem na nova literatura temas como família, sexualidade, abandono entre outros, começam a ser discutidos, daí a justificativa da escolha em elaborar um trabalho voltado ao pós-colonialismo, executar a importância em retirar da margem tais sujeitos dentro de duas obras literárias.

2.2 - Em torno da condição de marginalidade da criança: criança no seio da família e a sua relação com construção da privacidade.

A formação de todo ser humano passa por dois estágios fundamentais, a infância e a adolescência, falar desses processos naturais da vida, segundo FERRARI (2002 p.23) significa falar em inocência, alegria, sorriso, curiosidade, questionamentos, crises de autoridade, sonhos transformações, esperança de um mundo melhor.

É do nosso entendimento que a infância é um período de grandes descobertas, e que cada momento é único e importante por si mesmo. Esse período decorre do nascimento até os doze anos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) a partir desse momento começam as mudanças hormonais e físicas, que são características da próxima fase da vida a adolescência, conforme demonstra CARVALHO (2010 p.32). A criança até pouco tempo foi definida como a fase da incapacidade.

A construção da infância se inscreve nesses sistemas, sendo pressupostos realizar sua compreensão como produto das relações e, portanto das representações sociais, na perspectiva de direitos a ter direitos e não de objetos de decisões dos adultos, pois nem sempre a infância foi vista como uma fase específica e própria da vida, e nem a criança sempre foi considerada um sujeito de direitos.

Há muito tempo percebe-se nos relatos históricos, que a criança é ignorada como um ser existente vista como um sujeito sem direitos, sujeito à tutela, a menoridade exigida cuidados de várias instituições sociais. FERRARI (2002, p 37) fala sobre os processos psicológicos são fundamentais no desenvolvimento da criança:

A criança está desde seu nascimento vivendo um processo transferencial intenso, transferindo para figuras significativas, que desempenham papéis familiares, fantasias inconscientes e esperando dessas uma complementaridade satisfatória. Na medida em que essa complementaridade de papéis ocorre, a capacidade percentual da criança desenvolve-se gradativamente, permitindo-lhe perceber, começar a ver essas figuras significativas de forma cada vez mais real, sem tantas projeções das fantasias inconscientes.

A partir do nascimento, toda criança precisa de um ambiente e de uma família que significa a esfera primordial no desenvolvimento de sujeitos. Necessita ainda do ambiente ao seu redor e da família, a esta dá-se a importância de ser essencial ao desenvolvimento de sujeitos psíquicos, bem como na formação ideológica dos cidadãos. Existe uma relação de dependência familiar e social da criança na qual está à base de estrutura, formação e desenvolvimento.

O lar é primordial na estruturação psíquica dos sujeitos visto que as experiências vividas intensamente põem eles no seio familiar são elementos da estruturação de sua identidade, e de sua personalidade. Há referências de muitos casos nos quais ocorre a substituição da família por instituições acolhedoras como, santa casa de misericórdia, abrigos, orfanatos entre outros. A importância da família para a vida da criança levaram à constituição de um estatuto que ao discorrer a respeito de sua importância assegurasse seus direitos (ECA, 1990, p.13).

É dever da família da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, a saúde, a alimentação a educação... A liberdade e a convivência familiar e comunitária.

O termo “família” vem do latim (famulus) e significa escravo doméstico utilizado para se referir a um determinado grupo na antiga Roma, grupo este que está em constante movimento. Durante a idade Média a família estava caracterizada pelas uniões entre noivos sem afeto, seriam apenas para evitar as mudanças econômicas, sociais e políticas, portanto, amor e casamento eram tidos como elementos distintos. Na sociedade moderna, com a ascensão da burguesia percebe-se certa estrutura familiar, o casal passa a ser valorizado e cada um assume papéis distintos no seio familiar: esposo, esposa, pai, mãe e filhos. No intercurso entre idade média e moderna, houve várias transformações que influenciaram as relações familiares dentre as quais se destacam o renascimento, a cultura, a economia, a política, a sociedade e a religião. Estas mudanças marcam as relações distintas entre as classes sociais em meio à estrutura familiar, servindo de base para uma nova forma de sociedade. Segundo ARIES, PHILIPPE (1981, p. 278).

A família moderna [...] corresponde a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros das famílias se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhe repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originalmente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo situados nas duas extremidades da escala social.

Em contraposição a este modelo de família pautado no movimento das relações sociais, econômicas e culturais que se relacionavam coletivamente surge a família que valorizava a vida privada. Assim até a estrutura das casas foram pensadas para essa valorização, permanecendo a hierarquia paternalista de dominação exercida pelos pais e a de subordinação sofrida pelos filhos, com o abuso de autoridade e força para manter a ordem, a moral e a educação.

A intimidade do lar passou a impedir que se percebesse comportamentos abusivos, secretos e inacessíveis por não percebemos o que acontece em seu interior. Em meio a tudo o que foi visto desenvolve-se a violência física, psicológica, sexual e a negligência da criança.

A violência é um mal presente no mundo todo que cresce velozmente em todas as camadas sociais e assola as famílias, porém é necessário defini-la.

Segundo o dicionário FERREIRA, 1998, P. 214 entende-se por violência “constrangimento físico ou moral, qualquer força empregada contra a vontade liberdade ou resistência de pessoas ou coisa; coação”. O termo violência supõe a perda da autonomia ou privação de sua vontade própria ficando sob a denominação de outrem.

Há inúmeros tipos de violência sejam implícitas ou explicitamente todos eles resultam no abuso de poder seja ela física psíquica ou moral será sempre uma relação de desigualdade, ou seja, o método pelo qual os dominadores conseguem oprimir os subalternos através da sua própria aprovação especialmente pela cultura.

O termo violência está muito próximo das questões de vida e morte, pelo fato de representar risco à saúde, ameaçar vidas, provocar enfermidades e morte. Assim sendo violência é uma expressão que relacionada com a saúde, os direitos humanos e ameaça o direito a vida.

MINAYO (2006) refere-se à violência com um fenômeno sócio-histórico e que acompanha a humanidade desde os primórdios da história. A autora diz que não há violência única, mas, que devemos pensar na mesma como múltiplas violências. Variadas são suas causas e vítimas e suas formas de manifestação. Há violência dentro das relações familiares, no trânsito, nas escolas, nas ruas entre outros. E a mesma acomete crianças, mulheres, negros, idosos.

O fato de serem múltiplas as violências torna-se muito difícil conceitua-la, chega a ser quase que desafiador, pois, reduziríamos a violência a uma simples definição física. O próprio MINAYO (2006) diz que a dificuldade de definir um conceito que é adequado à violência está relacionado ao fato de que ela é *um fenômeno vivido*, isto por que envolve manifestações de ordem emocional por parte de quem comete, a violência de quem sofre e de quem presencia a mesma.

Pode-se dizer que em cada momento da história, o poder fala mais alto aquele mais forte dominasse o mais fraco, com o passar do tempo mudam apenas discursos que sofrem transformações sociais.

GRAMSCI (1998, p 259) também fala sobre as dominações através dos discursos, “A hegemonia e a denominação consentida, ou seja, o método pelo qual os dominadores conseguem oprimir os subalternos através da aprovação aparente dessas mesmas classes sociais especialmente a cultura.” Ou seja, o discurso do dominador chega a ser tão elaborado que o subalterno submete-se a esta condição. Através dos discursos, das falas do sujeito percebemos a intencionalidade do agressor de ferir ou subjugar o seu próximo nestes casos a violência é o emprego permitido da agressividade para fins destrutivos.

A violência é algo que já faz parte do nosso cotidiano, estamos constantemente expostos a muitas situações violentas como assaltos,

sequestros, homicídios, tráfico de drogas, de armas e muitos outros tipos de violência.

Podemos pensar na violência como uma questão social de saúde pública e como violação dos direitos humanos. Sendo ela social transforma-se de acordo com o que as pessoas e a sociedade a consideram. Embora os discursos sociais sejam regidos pelo poder, não estão isentos dos desafios e as mudanças sociais. Este é o lugar de conflito de luta e de criar e resistência.

Segundo BONNICI; ZOLIN 2000 (apud FOUCAULT 1978) O discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte. Ao ser exposto, o discurso torna-se frágil e fica mais propenso a ser contrariado.

Muitos autores propõem um resgate histórico da violência para explicar como a violência traduz os problemas sociais.

MINAYO (2006) realiza um estudo da sociedade brasileiro, desde a época da colonização, afirmando que a violência já veio articulada a forma de colonização do país e ao seu conseqüente desenvolvimento, conhecido por sucessíveis formas de violência, dentre elas a violência sexual.

A violência sexual, por exemplo, tornou-se um tema público em meados dos anos 80 no Brasil sendo trabalhado em campanhas públicas organizadas por delegacias de mulheres e instituições de proteção à infância com o passar do tempo é que se iniciou pesquisas nessa área. A problemática tornou-se objeto de denuncia, de mobilização e de investigação o alvo das primeiras pesquisas foram mulheres e crianças de rua.

Após tudo isso nos anos 90 a violência sexual continuava sendo vista como um tabu. A certa resistência em abordar o tema e insegurança por parte de quem fala visto que extremamente difícil estabelecer um ponto exato em que é necessário um contato físico afetivo entre um adulto e uma criança. O conceito de abuso sexual é muito complexo para tanto apresentarmos uma tentativa de conceito segundo FELIZARDO; ZURCHER; MELO, 2003 apud KEMPE e KEMPE (1984, P. 9): “O abuso sexual infantil é o uso sexual de uma criança por uma pessoa adulta para a sua satisfação sexual sem levar em consideração o desenvolvimento psicossocial e social dessa criança” .

A violência sexual degenera e enfraquece o desenvolvimento infantil além de contrariar os direitos do cidadão. Podemos observar outro conceito de violência sexual sendo este muito amplo, pois, envolve diversas práticas que envolvam ou não o contato físico ou não entre o abusador e a vítimas tais como: estupro, pedofilia, incesto, atentado violento ao pudor, abuso verbal, voyeurismos entre outras.

Com relação à temática da violência sexual há registros de diferentes formas de violência existentes em diversos momentos históricos e diferentes civilizações da antiguidade que expressam particularidades culturais e históricas.

Observaremos outro conceito referente ao abuso sexual segundo os mesmos autores.

Entende-se por criança maltratada sexualmente: (1) toda criança cujas lesões sofridas tenham sido principalmente na área genital; (2) toda criança que tenha tido relações sexuais ou outros contatos sexuais genitais com uma pessoa adulta; (3) toda criança que tenha se envolvido inadequadamente em ações sexuais com adultos, que não estejam classificadas nos pontos 1 e 2 (FELIZARDO; ZURCHER; MELO, 2003 apud KEMPE; KEMPE, 1984, P. 9).

Veja que a certo descaso com relação ao limite de idade adequado ao termo criança, então a definição mais adequada ao abuso sexual intrafamiliar seria este:

O uso de crianças e adolescentes, que são, segundo o seu desenvolvimento, ainda dependentes e imaturos, em relações sexuais, as quais elas, as crianças, não conseguem entender totalmente e também são incapazes de darem o seu consentimento consciente ou de violar tabus sociais em relação a papéis familiares (KEMPE; KEMPE, 1984, P. 9).

A partir desta conceituação os autores de abusos sexuais não são apenas os familiares, pois além dos pais, aparecem padrastos, tios, madrastas, tias, vizinhos, pessoas de confiança da família entre outros. Sabendo que qualquer pessoa pode apresentar alguma predisposição de explorar sexualmente outrem como ocorre nas relações incestuosas, alguns autores

consideram-na um estupro enquanto outros a veem com exploração sexual em que prevalece a ocultação do ato que pode ser um beijo, uma relação anal, oral, genital ou até masturbação com a vítima ou diante dela. Estas são situações de demonstração de poder para a satisfação das necessidades de poder, contato físico e reconhecimento através do sexo.

Torna-se claro que a definição de abuso sexual pode ser interpretada de várias maneiras visto que, há uma relação de poder desigual entre duas gerações, e que a criança não tem condições de decidir livremente se participa ou não de um convite para intercursos sexual com um adulto.

Quando acontece o abuso sexual é necessário observar três aspectos importantes, a intenção do adulto (abusador) a coerção da criança para manter o segredo e a transgressão de regras e de papéis na instituição familiar. É necessário pensar no ambiente social em que ocorre o abuso sexual levando em conta o contexto sociocultural e histórico das sociedades patriarcais que trazem envidadas em sua estrutura rastros de violência e socialização desigual entre seus membros.

O abuso sexual é um problema bastante disseminado que ocorre em todas as camadas sociais, sem distinção de raça e que é praticado por homens considerados “normais” acontecendo dentro do espaço familiar, onde deveria ser o lugar da criança receber conforto e atenção é justamente onde mais acontece esse tipo de violência.

A violência sexual é um problema do cotidiano, deixando de ser um fato isolado como se mostrava há décadas atrás, a menina passou a ser alvo de inúmeras discussões no mundo inteiro. Questiona-se a estrutura cultural dominante pela atenção que estes casos requerem mostrarmos indignação ou indiferença diante de tais episódios em nada contribuem para resolução do problema. Pelo contrário ajuda a manter no silêncio e levando a condição tabu social.

Crianças de todas as idades estão sujeitas a violência sexual na infância tanto os meninos quanto as meninas, na faixa etária de 0 a 18 anos de idade. Sendo as meninas as vítimas preferenciais dos agressores. A pré-adolescência

é a fase preferencial do agressor pelo fato da criança apresentar: a) um corpo infantil com sinais de maturidade infantil; b) À medida que a criança desenvolve-se fisicamente oferece mais resistência; c) A pouca idade gera dificuldades a serem recordados. Segundo FELIZARDO, MELO e ZARCHER (2006, apud FOUCAULT, 1983 p. 125).

A sexualidade não é para ser descrita como uma força matriz que se defronta naturalmente como poder de maneira estranha, fantasmagórica [...] Ela se mostra muito mais como um ponto especial por onde se prenuam as relações de poder entre homens e mulheres [...] entre as instruções e as populações. Dentro das relações de poder a sexualidade aparece não como um elemento improvável, mas, como o elemento utilizado o mais variavelmente possível: Utilizável na maioria das manobras como ponto de apoio e de ligações para as mais diferentes estratégias (FOUCAULT, 1983, P. 125).

A sociedade valoriza como um instrumento principal de reprodução e principalmente com uma relação de poder, a família patriarcal serve de eixo para outras alianças como homem e mulher, adulto e criança.

[...] A família não é somente uma estrutura social econômica e política, muito mais do que isso é no seu núcleo que se realiza a produção uma sexualidade, influenciada por um sistema de alianças e, por seu turno, também exerce influência de volta nessa mesma estrutura social.

Portanto, em geral, é no seio familiar que a violência se processa o que torna a questão ainda mais complicada uma vez que a família ao invés de proteger, vale-se de sua condição para abusar, abandonar, torturar, negligenciar.

### 3 – ANÁLISE DA VIOLENCIA CONTRA A CRIANÇA NA OBRA: ABUSO PSICOLOGICO, ABANDONO E NEGLIGENCIA. (A PARTIR DA TEORIA PÓS-COLONIAL).

A leitura da obra *Animais em Extinção*, de Marcelo Mirisola faz com que o leitor tome contato com vários tipos de representantes da violência contra a criança. O motivo da prática da violência no romance é o tédio de um sujeito de classe média que decide mudar-se de uma grande metrópole para João Pessoa, onde passam a residir num hotel para rememorar sua vida, suas aventuras de pedófilo e de atos libidinosos cometidos com crianças. Num texto que mescla autobiografia com crítica social ácida, o autor constrói uma narrativa dentro do espaço do hotel, no qual o narrador envolve-se com uma criança de apenas 12 (doze) anos de idade chamada Vanusa moradora de João Pessoa que por conta do abandono vende seu corpo em troca de comida, dormida e alimentação, e é mantida em constante contato com a violência e as drogas.

Percorrer as paginas de *Animais em extinção* (2008), de MARCELO MIRISOLLA, é uma tarefa bastante incômoda para o leitor desavisado uma vez que pedofilia e prostituição infantil são descritas com naturalidade pelo protagonista adulto no trato como uma criança de apenas doze anos, causando choque num primeiro contato com a obra. De inicio, a esta criança é negado o direito a proteção por parte da família. FERRARI (2002, P.28) define a família sendo,

A constituição de vários indivíduos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas é afetiva. Sendo uma unidade social emissora e receptora de influencias culturais e de acontecimentos históricos. Possui comunicação própria e determinada dinâmica [...] família é uma unidade básica de desenvolvimento de experiências, de realização ou de fracasso de saúde ou de doenças.

O primeiro tipo de violência que pode ser observada em *Animais em extinção* é a ausência de uma família que é o grupo fundamental para a

segurança da criança, a mesma fica a mercê da sociedade negligente e das instituições sociais inoperantes. A família que teria o dever de zelar pelo bem estar físico e psíquico da criança e cumprir com suas responsabilidades para com ela perante a lei, simplesmente não existe. A criança é um fantasma, um objeto que perambula pelas ruas completamente exilada do seio familiar, “No dia seguinte ela foi me procurar. Aquela negrinha descobre em seguida além de se chamar Vanusa, tinha 12 anos e vendia seu corpinho mirrado no Buraco da coruja e nos quiosques vizinhos” (MIRISOLLA 2008, p.31).

De início o homem até então estranho para Vanusa apresenta-se como substituto da família construindo um discurso sedutor ao oferecer-lhe o conforto de um lar que até então não havia experimentado. Através de seu discurso Vanusa passa a tomar contato com inúmeras saberes alheias no seu conhecimento.

A partir do fragmento acima citado podemos apontar outra informação ao referir-se a menina chamando-a de “Aquela Negrinha” deixa transpor a carga pejorativa que tal palavra denota e nos leva a refletir sobre a hegemonia branca na relação de sujeito e assujeitado dos tempos das metrópoles colônias e a pigmentação da pele da criança determina de que forma será tratada e a que raça pertence. Além de criança abandonada é negra, Ao longo da história o autor constrói a imagem do negro como pessoa designada a servir o branco.

A trajetória imperialista baseada num conceito espúrio da filosofia e da ciência a partir do século XVII infestou o termo e produziu o racismo atual. As raças não europeias foram estigmatizadas como em vários estágios de civilização para que pudesse servir aos empreendimentos das metrópoles (BONNICI, 2000p. 235).

Na obra a figura da menina serve aos empreendimentos do autor de classe média branca paulista que precisa de alguém para ouvir seus devaneios e poder produzir sua própria literatura.

A companhia de Vanusa me serviu como uma liga entre o que vinha a minha memória e aquilo que meu pudor não exigiria mais que eu descartasse [...] não fazia diferença como ela me ouviria; fosse pelos ouvidos ou pela xoxota tanto fazia. Para mim o que importava era que a negrinha dava liga (MIRISOLA, 2008 p. 54).

Esse sujeito branco de classe média entediado produz literatura encenando um discurso autobiográfico, tratando a criança que pretende explorar como “pequena nativa” termo usado pelo sujeito para caracterizar a criança tratada por ele como objeto. (MIRISOLLA 2008 p. 40) “Às vezes a solicitava aos assobios e a chamava de pequena nativa (isso era mais prazeroso do que o sexo, a bem da verdade)”. Isso nos remonta a Gramsci quando diz que: "As pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes. As classes subalternas podem ser compostas por colonizados, trabalhadores rurais, operários e outros grupos aos quais, o acesso ao poder é vedado" (GRAMSCI (1891-1937) P. 265).

As crianças são consideradas pessoas sem valor nenhum por serem pequenas e serem incapazes o que faz delas objetos nas mãos de certos adultos. Vanusa é descrita como a sem família, sem lar, sem poder. Negra, pequena e abandonada é tida como gente bestial que é levada coloca-se aos cuidados deste homem pela comida, dormida, sabonetes, shampoos, salgadinhos, bonecas e etc.

Segundo BHABHA (1998), o subalterno pode falar e a voz do nativo pode ser recuperada através da parodia, da mímica e da cortesia artilosa, que ameaçam a autoridade colonial. A criança vítima de agressão seja por parte da família ou não, mantém-se em silêncio por vários motivos já que a mesma não tem autonomia. A personagem sofre maus tratos constantemente com ações concretas e omissões por parte das pessoas que se encontram no mesmo ambiente, a criança encontra-se em cárcere privado onde sofre abuso físico, psicológico, sexual e negligência tanto por parte da família como pelas pessoas que vivencia junto a eles nesse ambiente, por questões de idade e de incapacidade apresentadas pela vítima.

Entende-se por abuso físico a ação voluntária ou involuntária gerenciada por parte do cuidador da criança e que causa algum dano ao seu físico. Na maioria é praticada fora desse ambiente e por um sujeito estranho a esse tipo de violência denominamos de extrafamiliar, isto é, quando o agressor não pertence ao grupo familiar, muitas vezes ele acontece de modo muito sutil

chegando a ser quase que um fenômeno natural como uma cena corriqueira do cotidiano familiar.

Os indivíduos primeiro decidem o que desejam e depois encaixam os fatos em seus objetivos. Consequentemente o homem encontra nas coisas somente o que ele mesmo colocou nelas. Como já havia dito BONNICI 2000 apud NIETZSCHE 1844-1900 P.283

Sobre a afirmação do autor podemos concluir que o personagem encontrava na negrinha como ele a chamava apenas o que projetava em sua mente a menina torna-se um objeto para suprir as necessidades que o mesmo determinou. ~Fiz à negrinha prometer que não ia abrir a boca. Para não correr riscos, a tranquei do lado de fora do terraço. Para mim, era fundamental tê-la a mão (MIRISOLLA, P.57).

Com relação ao abuso físico ALMEIDA (2010, P.19) fala que:

Seja por excessiva carga destrutiva, seja por insuficiência de ambiente, ou mais frequentemente pela combinação de ambas, há casos em que o sujeito não consegue internalizar suficientes experiências positivas que lhe permitem apaziguar suas ansiedades em relação às ameaças destrutivas suas e daqueles que o cercam.

Em conformidade com as palavras da autora acima citadas podemos dizer que a personalidade pervertida que o narrador apresenta é fruto de uma carga excessiva de destruição, um fato se interliga com outro e que gera um problema maior. A cada momento o homem se vê emaranhado em problemas que fogem de seu domínio, em consequência disso, ele se autodestrói e consegue, por fim a vida da personagem. Lembrando que o ambiente do hotel, por sua característica de privacidade e intimidade é propício as agressões do sujeito, isso reforça ainda mais na mente do mesmo suas fantasias passando a exercer um circuito vicioso em sua vida visto que o todo instante ocorrem às lembranças de suas experiências.

A pedofilia é mais um tipo de violência que constatamos em animais em extinção. O personagem apresenta traços muito fortes de um pedófilo é um homem de quarenta e poucos anos, pode-se dizer que está fazendo turismo em João Pessoa aparentemente é uma pessoa acima de qualquer suspeita,

mantém relações sexuais com esta criança além de tirar fotos dela despida para se masturbar caso ela vá embora. Violência sexual e pedofilia estão interligadas na obra sendo divididos esses momentos pelas atitudes do sujeito, no primeiro momento ele se apresenta de modo sedutor para conquistar e ganhar a confiança da garota. No segundo momento, a menina é uma espécie de ouvinte para ele até ser vítima de sua violência.

A pedofilia é costumeiramente classificada como uma doença segundo a (OMS) Organização Mundial de Saúde, pedófilos são pessoas adultas (homens ou mulheres) que tem preferência sexual por crianças. Marcados por um por uma pulsão sexual destinada a crianças o sujeito satisfaz-se com um tipo de fantasia que rememora no ato sexual. Segundo ALMEIDA (2010 p. 12), “A pulsão é um representante psíquico de um estímulo vindo do corpo”.

“Foder com uma garota de 12 anos, além de ser um negócio exótico e proibido, acabou sendo devido aquele sentimento de saudades que me atanzava – algo surpreendentemente sem graça para mim (MIRISOLA, 2008 p.40)”.

Vejamos a oscilação das pulsões sexuais do sujeito:

Finalmente era refém do lugar comum. Com nós dentro do peito, e tudo que tinha direito. Quase um pedófilo profissional confesso: tive ímpetos fotografá-la para bater umas punhetas quando a saudade apertasse (MIRISOLLA, p. 50).

As pulsões sexuais costumam ser classificadas como energias não identificadas, mas que possuem um objetivo pré-determinado. Através destas pulsões é que podemos determinar a conduta de um indivíduo. Ainda sobre observamos Almeida (2010, P.16):

Somos em grande parte dominados por instintos dos quais não temos pleno controle e nem plena consciência. São forças que operam em silêncio, e só é possível identificá-las através dos efeitos externos causados por elas.

Os maus tratos infantis estão presentes em quase todos os lugares sejam eles sociedade altamente civilizadas ou não. Milhões de crianças são agredidas e torturadas constantemente sofrendo diversos abusos, sendo o

abuso físico o mais preponderante. Nas famílias que promovem qualquer tipo de violência a criança, prevalece o silêncio entre os envolvidos e os atos violentos são praticados repetitivamente e com isso elevam-se os riscos de morte de uma criança.

No que se refere ao abandono, ele se processa nas classes mais populares e nos diversos tipos de constituição familiar. Assim como nas classes de maior condição social a desestruturação familiar é um problema frequentemente encontrado nas classes menos favorecidas da população o contexto socioeconômica desfavorável em que essas famílias estão inseridas propicia a negligência, maus tratos e abandono por parte dos responsáveis destas crianças. Vejamos uma passagem da obra em que a personagem Vanusa vive a violência do abandono visto que ela é uma garota de apenas 12 anos de idade. ~Mas não foi assim. Quando a negrinha me pediu uns dias para ir visitar a mãe, que mora no interior das Alagoas, confesso, senti um nó dentro do peito (MIRISOLLA 2008, P. 50).

Um fato merecedor de nossa atenção é o fato de que em momento nenhum é o nome do pai da menina mencionando ou algo referente a ele isso pode ser considerado um indicador da desestruturação desta família cuja mãe vive em outro estado e a menina abandonada encontra-se à mercê de estranhos e da própria sorte. Constata-se que no geral as vítimas do abandono são pobres, os familiares estão dispersos, a vida destes indivíduos é precária, e vivem da improvisação na maioria dos casos o pai é um sujeito ausente ou não identificados, os irmãos podem ser filhos de pais diferentes ou muitas vezes nem são citados outro fato comum é a presença de um padrasto.

O modelo brasileiro da sociedade compõe-se de distanciamento social, diferenciação de possibilidades econômicas... É um sistema complexo e relacional de hierarquias que transformam em naturais as brutais desigualdades de classe, cor, gênero, dentre outros (SUDBRACK, 2010, P. 120).

Segundo as palavras da autora acima citadas as famílias contemporâneas são compostas por sujeitos muitas vezes sem nenhuma estrutura sujeitos que transformam acontecimentos tidos como não aceitáveis

aos padrões morais da sociedade como uma situação normal do cotidiano, aliás, são estes modelos de família que surge constantemente.

Abandonadas e entregues à própria sorte essas crianças estão submetidas também ao abuso psicológico se dá no momento que uma criança ou adolescente é desqualificado de suas capacidades emoções e desejos em seu período de desenvolvimento. Segundo (ASSIS; AVANCI, Apud GARBARINO 2006, p.59) define a violência psicológica como: "A agressão de um adulto sobre o desenvolvimento Do eu e da competência social de uma criança ou de um adolescente configurando um comportamento psicologicamente destrutivo".

Os sujeitos praticantes da violência psicológica vivem regularmente isolados em espaços onde não há senso de identidade e coletividade. Vejamos na obra em análise que o espaço físico onde as personagens se encontram torna-se ainda mais propício, ao tipo de violência.

Foi de madrugada quando os hóspedes do flat e toda João Pessoa dormiam. Por uns minutos tive que soltar a negrinha no corredor. Eu sabia que as câmeras internas registrariam os movimentos dela. Mas não teve jeito. Uma semana trancado naquele apartamento com a negrinha me deixou exasperado.(MIRISOLLA,2008p.73)

"A negrinha é privada do convívio social ao mesmo tempo é tratada como um ser sem valor, suas necessidades infantis passam a ser ignoradas." Ela não está colocada na condição de ser humano, mas é colocada psicologicamente na condição de coisa, de marionete, de objeto inanimado. A violência psicológica representa uma espécie de tortura que agride o desenvolvimento sadio da criança e do adolescente, causando-lhe sofrimento mental. A vítima de violência psicológica é afetada na sua autoestima. O agressor usa esse tipo de violência com a intenção de combater a teimosia, diminuir, e coibir a ação da garota afetando-a assim de várias maneiras.

Outra forma de violência que encontramos é a negligência que se refere à omissão de cuidados básicos como alimentação, vestimentas e proteção desempenhados pelos responsáveis, colocando em risco a saúde física, e a

própria vida da criança. Como define MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA (2002, P. 106).

As negligências última classificação que é importante mencionar, representa uma omissão em relação às obrigações da família e da sociedade de preverem as necessidades físicas e emocionais de uma criança. Expressam-se na falta de alimentos, vestimentas, cuidados escolares e com a saúde, [...] Trata-se de um tipo de ação difícil de ser qualificada, quando as famílias estão em situação de miséria.

Vejamos que menina era mantida sob custódia do sujeito:

De qualquer forma era bom ter a negrinha por perto. Desta vez trancada e dopada por segurança (...). A negrinha ainda respirava o problema era levá-la ao hospital e preencher a ficha ou algo que valha a pena. A negrinha Vanusa não acordou dos comprimidos de Nescau misturados com esperma que lhe dei. (MIRISOLA, 2008, p.126)

Criança, negra, abandonada, negligenciada em todos os seus direitos, abusada psicologicamente e sexualmente, colocada na condição de coisa e transformada em marionete de adulto paulista entendido, o romance de Mirisola toca num problema nevrálgico da sociedade brasileira contemporânea, marcada pelo consumismo vazio, pelo esfacelamento dos valores básicos de respeito ao ser humano e pelo exercício da violência em suas mais diversas formas que parecem fazer glorificar o grotesco como forma de construir literatura.

## CONCLUSÃO

O presente Trabalho pretendeu tratar, a partir de uma pesquisa bibliográfica exploratória, sobre o tema da representação da violência infantil e suas modalidades na literatura contemporânea, em especial, na obra *Animais em extinção*, de Marcelo Mirisola.

Detivemo-nos, mais propriamente, à violência voltada à criança e ao adolescente existente desde os primórdios da raça humana. A referida pesquisa realizou uma breve recapitulação sobre os diversos tipos de violências acometidas contra a vida das crianças e dos adolescentes em nossa sociedade, a partir de conceituações extraídas de estudos e pesquisas realizadas no campo da história e da sociologia sobre as vítimas de violência infanto-juvenil e tomamos o romance como exemplo de representação dessa violência cotidiana.

A questão da violência no Brasil vem demandando à sociedade certa urgência da necessidade de debates públicos com os setores que são responsáveis pela saúde, educação, justiça de toda a população. Visto que esta problemática acomete muitos lares brasileiros.

Esta preocupação com a violência, seu crescimento desenfreado e suas respectivas causas, ficam centralizados nos meios acadêmicos e nas entidades de defesa dos direitos da criança, do adolescente, da mulher, e do idoso, grupos ainda muito vulneráveis.

Cabe como ultima ressaltar o dizer do Estatuto da Criança e do Adolescente, que parece ser mera ficção perto daquilo que o mundo do imaginário da literatura e a realidade nua e crua do cotidiano nas grandes cidades apresenta: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (ECA, 1990, P.13)”.

São direitos assegurados por lei, mas que nem sempre são cumpridos, é necessário assegurar que estas leis saiam do papel, conscientizar os pais sobre os modos disciplinares sem violência a redução dos lares. A violência

implica pensar como a sociedade a representa, é importante pensar, decifrar o seu significado visto que o meio permite as realizações de determinadas ações. E necessário mudar representações sociais para mudar práticas e concepções individuais. Para que ocorram mudanças relacionadas à questão da violência é importante desenvolver políticas para capacitar os profissionais que atuam junto às famílias com crianças e adolescentes e nas áreas de educação e saúde.

**REFERÊNCIAS**

**ALMEIDA, Maria da Graça Blaya, Alguém para odiar: Porto Alegre, Edipurs, 2010.**

**ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.**

**BHABHA, HomiK. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte,: UF MG, 1988.**

**BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégia de leitura*. Maringá: EDUEM, 2000.**

**BRASIL, “Lei n. 8.068, de 13 de julho de 1990”, Estatuto da Criança e do adolescente, in, *Legislação brasileiro para o Serviço Social: São Paulo, Pyxis Editorial e Comunicação, 2002.***

**CARVALHO, Cláudia Maciel, *Violência Infanto-juvenil, Uma Triste Herança*, Porto Alegre, Edipurs, 2010.**

**FERRARI, Dalka C.A. In: FERRARI, Dalka Evecina, Tereza C.C.(orgs). *O fim do silêncio na violência familiar: Teoria e prática*. São Paulo: Agora, 2002. (PP: 23-56).**

**FERRARI, Dalka C. A, *Visão histórica e a questão da violência*. In: FERRARI, Dalka C. A. e VECINA, Tereza. C. C. (orgs). *O fim do silencio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Agora, 2002.**

**FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1998,p.2014.**

**KEARIG, R.T. *Integralidade da atenção à saúde: organização dos sistemas e serviços locais de saúde*. Tese defendida na faculdade de saúde pública da universidade de São Paulo: USP, 2001.**

**LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.**

**MINAYO, Maria C. de S; ASSIS, S. G. Saúde e Violência na infância e adolescência. *Jornal da Pedriatria*, 70 (S): 263-266, 1994.**

**MINAYO, Maria C. de S; O significado social para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: WESTPHAL, Márcia F, (org). *Violência e crianças*, São Paulo: EDUSP. 2002 (PP: 95-114).**

**MINAYO, M. C. de S. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.**

**MIRISOLLA, Marcelo. *Animais em Extinção*: Rio de Janeiro 2008**

**ORLANDI, Eni Pucinelle. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.**

**PECHEUX, M. A *Análise do Discurso: Três épocas*. (Trad. De J. de A. Romualdo). In: GADET, F & HAK T. (org) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 311-318. 1997.**

**ROCHA, A. L. *Um lugar chamado lar: O princípio da Proteção Integral e a Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes*. Florianópolis (SC), 2002.**

**ROCH, Z. *Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloisa no contexto cultural do século XII*. Recife: UFPE, 1996. p.10.**

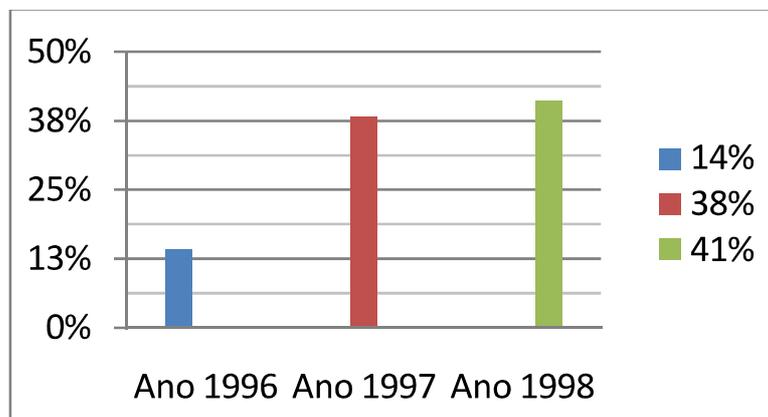
**SOUZA, Jaqueline de. *Violência sexual na infância: A Dinâmica Familiar*; Itajaí (SC) 2002.**

**SPIVAK, G.C. Can. *The subaltern speak?* In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (org.) *The post colonial studies reader*. Londres: Routledge, 1995, p.24-28.**

**SUDBRACK, Aline Winter: *As vítimas do ódio: Violência, estado de vulnerabilidade social no Brasil*, Porto Alegre, Edipurs, 2010.**

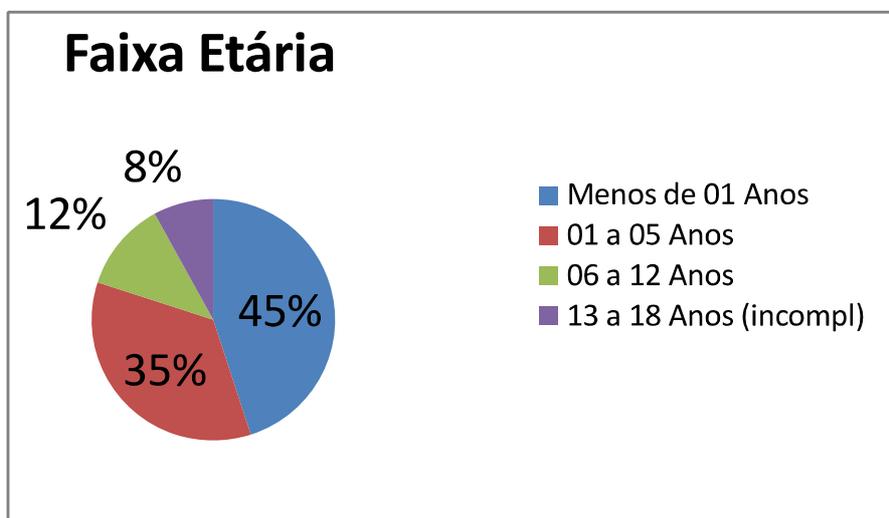
## ANEXOS,

### 1. Números de casos de violências denunciados.



Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

### 2. Faixa Etária



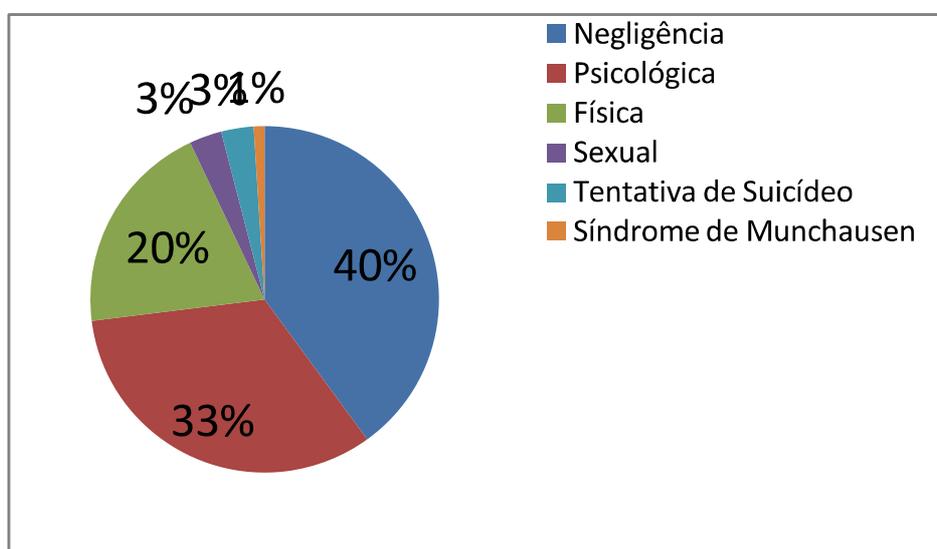
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

### 3. Estado civil da Mãe



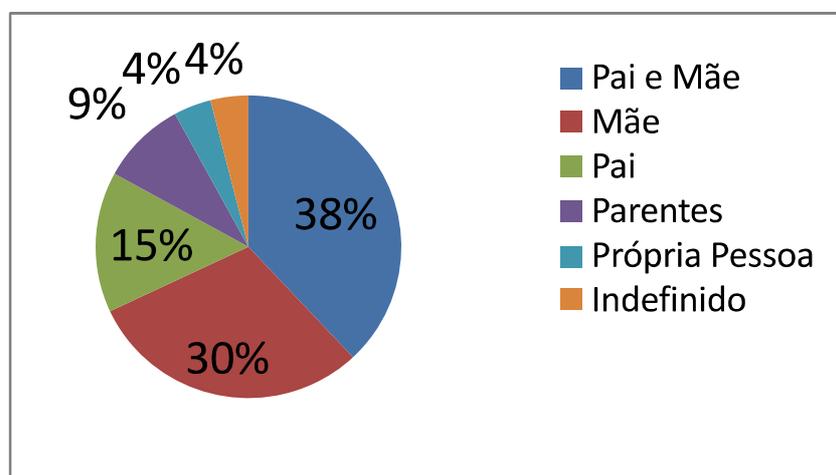
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

#### 4. Tipos de Violências



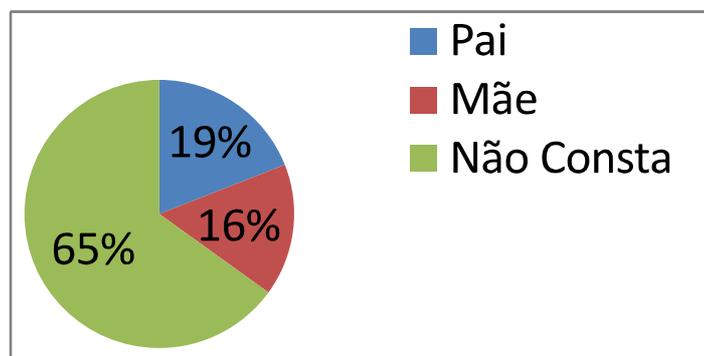
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

#### 5. Agressor



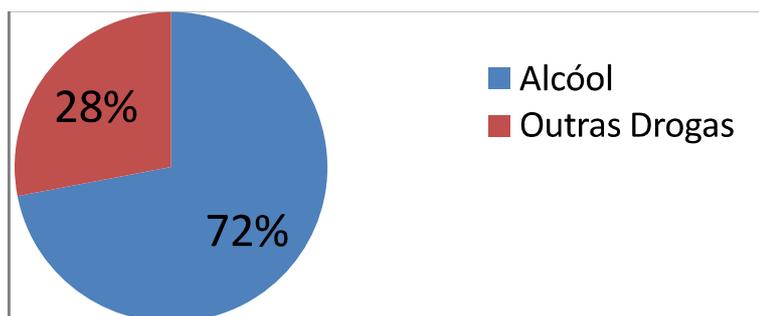
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violenca.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violenca.htm)

#### 6. Uso de Drogas pelos pais



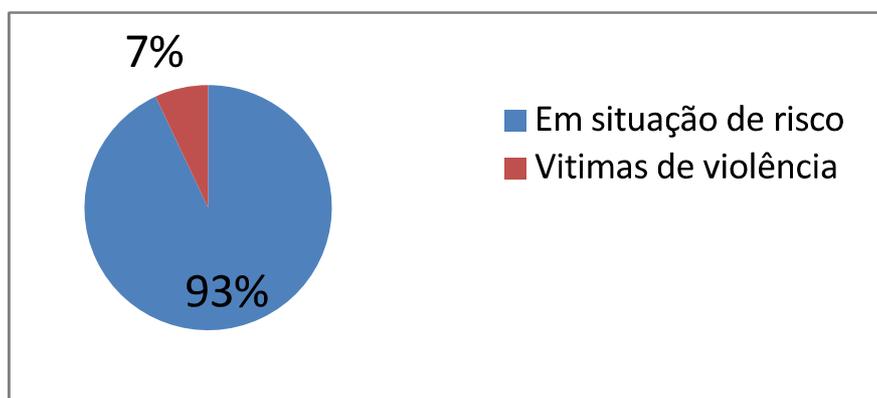
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violenca.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violenca.htm)

#### 7. Tipos de Drogas



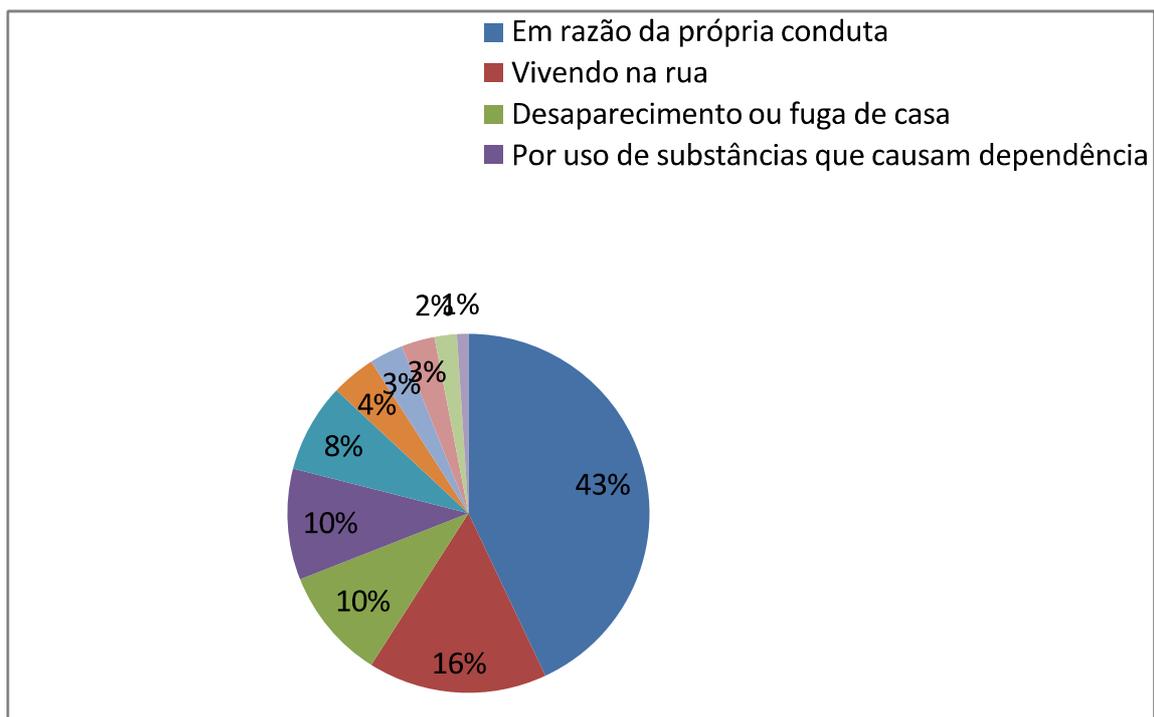
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violenca.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violenca.htm)

#### 8. Atendimento a criança e adolescente



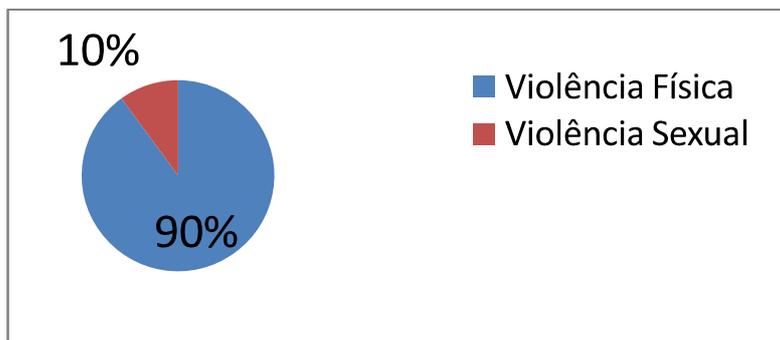
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violenca.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violenca.htm)

## 9. Crianças e Adolescentes em situação de risco



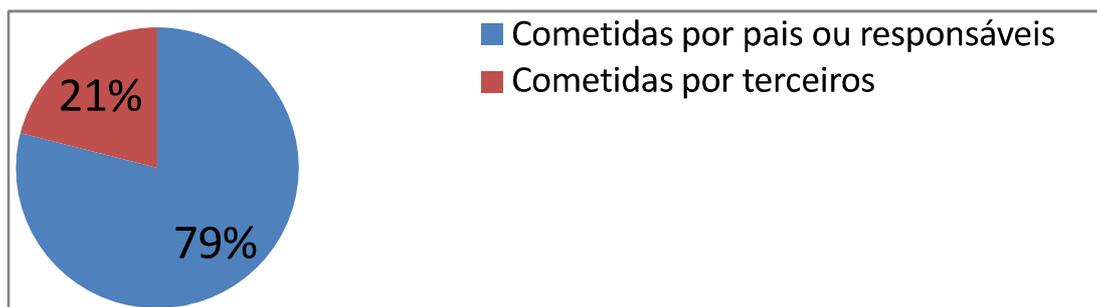
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

## 10. Crianças e Adolescentes vítimas de violência



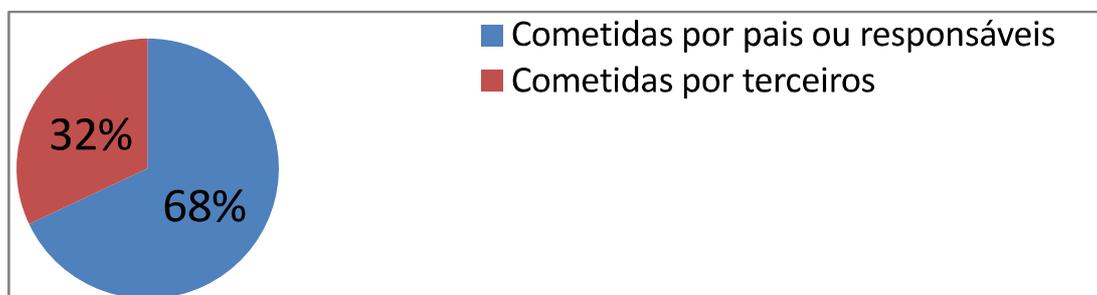
Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

### 11. Agressor – Violência Física



Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)

### 12. Agressor – Violência Sexual



Fonte: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_violencia.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_violencia.htm)